

(BIO)DOCÊNCIAS E EDUCAÇÃO SEXUAL: PROBLEMATIZAÇÕES A PARTIR DE NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

(BIO)ENSEÑANZAS Y EDUCACIÓN SEXUAL: PROBLEMATIZACIONES DESDE LAS NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

Elaine de Jesus Souza

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

elaine.souza@ufca.edu.br

Marlécio Maknamara

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

maknamaravilhas@gmail.com

RESUMO

Esse estudo visou problematizar discursos acerca da Educação Sexual em narrativas (auto)biográficas de docentes de Ciências/Biologia. Aqui o material empírico foi constituído por 3 de um total de oito pesquisas relacionadas à Educação Sexual, envolvendo narrativas (auto)biográficas com foco no ensino de Ciências/Biologia. As narrativas (auto)biográficas provocam diferentes modos de subjetivação docente ao veicularem uma heterogeneidade de discursos acerca de sexualidade, corpo e gênero. Assim, uma Educação Sexual “socialmente relevante” incorporada no currículo de Ciências/Biologia, instigaria a desconstrução de normatizações e essencialismos, ao ressaltar o modo como discursos (re)inventam saberes, práticas docentes, narrativas e (in)experiências de vidas.

Palavras-chave: Educação Sexual; Narrativas (auto)biográficas; Biologia.

Eixo temático: 3. Formação docente em Ciências e Biologia.

Modalidade: pesquisa acadêmica

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo problematizar los discursos sobre Educación Sexual en narrativas (auto)biográficas de profesores de Ciencias/Biología. Aquí el material empírico consistió en 3 de un total de ocho estudios relacionados con la Educación Sexual, involucrando narrativas (auto)biográficas con enfoque en la enseñanza de la Ciencia/Biología. Las narrativas (auto)biográficas provocan diferentes modos de

subjetivación de la enseñanza al transmitir una heterogeneidad de discursos sobre la sexualidad, el cuerpo y el género. Por lo tanto, una Educación Sexual “socialmente relevante” incorporada al plan de estudios de Ciencias/Biología instigaría la deconstrucción de normas y esencialismos, al resaltar la forma en que los discursos (re)inventan el conocimiento, las prácticas de enseñanza, las narrativas y las (in)experiencias de vida.

Palabras clave: Educación Sexual; narrativas (auto)biográficas; Biología.

Eje temático: 3. Formação docente em Ciências e Biologia.

Modalidad: investigación académica

INTRODUÇÃO

O silenciamento acerca das temáticas socioculturais da Educação Sexual, nos faz indagar: de que modos nossos saberes e nossas práticas docentes no ensino de Ciências/Biologia nos aproximam e/ou nos distanciam de abordagens socioculturais da Educação Sexual? Foucault, em suas teorizações, salientava a importância de incorporar os “saberes da gente e/ou saberes subjugados”, o que remete às temáticas da Educação Sexual que costumam ser invisibilizadas quando excedem os limites da Biologia. No entanto, a (des)construção de nossas práticas, experiências e identidades docentes perpassa pelo reconhecimento destas como políticas além de subjetivas, portanto, não conseguimos fugir das questões de sexualidade, corpo e gênero, presentes, de modo (in)direto nos diversos espaços socioeducativos. Reside aí a relevância de (re)pensar (bio)¹docências, ou seja, a formação docente em Ciências/Biologia a partir da problematização de narrativas (auto)biográficas, questionando os modos como são (re)produzidos discursos sobre Educação Sexual.

Esta pesquisa, resultado de um estágio pós-doutoral, articula os campos de estudos de currículo, sexualidade e gênero e estudos culturais pós-estruturalistas com aporte em teorizações foucaultianas. Nessa perspectiva, interrogamos linguagens e discursos em favor do reconhecimento da multiplicidade de sujeitos, saberes e práticas, cabendo, portanto, questionar: *Que discursos acerca da Educação Sexual (abrangendo as temáticas sexualidade, corpo e gênero) são (re)produzidos em narrativas*

¹ Cabe explicar que utilizamos palavras dentro de parênteses como uma forma de enunciar os múltiplos sentidos abordados, por exemplo, podemos falar tanto em docências de modo mais abrangente quanto especificamente em biodocências, ou seja, docências no ensino de Biologia...

(auto)biográficas de docentes de Ciências/Biologia? Que (bio)docências são (des)construídas a partir de tais narrativas (auto)biográficas?

EDUCAÇÃO SEXUAL, (BIO)DOCÊNCIAS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

De que modos e em que contextos nossas experiências docentes em Ciências/Biologia refletem nas temáticas da Educação Sexual? Essa pergunta se desdobra da questão norteadora desta pesquisa para nos lembrar que, queira-se ou não, somos sujeitos generificados, sexualizados e corporificados, portanto, as dimensões de sexualidade, corpo e gênero atravessam nossos saberes e nossas práticas docentes. Assumir uma Educação Sexual além do biológico na docência em Ciências/Biologia (Souza; Santos, 2021) significa problematizar um campo transdisciplinar marcado por relações de poder-saber e uma heterogeneidade de discursos sobre sexualidade, corpo e gênero. Dessa maneira, uma Educação Sexual narra histórias de vidas, memórias e experiências que nos tornam sujeitos de uma cultura. Nesse sentido, problematizar discursos acerca da Educação Sexual (re)produzidos em narrativas (auto)biográficas de docentes de Ciências/Biologia pressupõe descrever como compreendemos os principais conceitos que movimentam esse campo transdisciplinar.

Para Foucault (2014), a sexualidade foi construída histórica e socioculturalmente como experiência, ao englobar além de mecanismos biológicos da reprodução, diferenças individuais e sociais de comportamentos, normas institucionais (religiosas, pedagógicas, médicas, judiciárias...) e transformações nas vidas de sujeitos e em seus desejos, prazeres e sentimentos. Assim, a correlação entre culturas, relações de poder-saber, normatividades e identidades/diferenças constituem uma história da sexualidade enquanto experiência. Corpos materializam nossas sexualidades além do campo da biologia, como nos ensina Foucault (2015, p. 253): “[...] O corpo humano é, nós sabemos, uma força de produção, mas o corpo não existe tal qual, como um artigo biológico ou como um material. O corpo existe no interior e através de um sistema político.” Esse poder político, que atua sobre os corpos, produz mecanismos de poder-saber para capturá-lo numa incessante tentativa de adaptação e controle de comportamentos, desejos, prazeres e posturas conforme determinado padrão sociocultural. Silvana Goellner (2013) reforça que “um corpo, além de ser singular, também é partilhado porque engloba

semelhanças e diferenças de outros corpos produzidos de acordo com o tempo e a cultura vigentes”.

Nesse âmbito sociocultural, histórico e político, além de sexualidades e corpos, também vislumbramos gêneros como constituintes de múltiplas experiências de vida, por isso não cabem em oposições binárias como masculino/feminino. Ao admitir esse conceito como um organizador sociocultural e uma categoria teórico-analítica útil (Scott, 2012) para (re)pensar (des)construções sobre masculinidades, feminilidades e diversos modos de tornar-se sujeito, problematizamos o modo como distintas sociedades, culturas, histórias e políticas disputam significados e definições de gênero a partir de discursos essencialistas que visam determinar o que significa “ser homem” e “ser mulher”.

Sexualidade, corpo e gênero constituem as narrativas (auto)biográficas de (futuros/as) docentes, pois permeiam práticas docentes, pedagogias e artefatos culturais como os currículos escolares e acadêmicos, mesmo com todos os empecilhos e silenciamentos acerca dessas temáticas. Nesse percurso, entendemos o currículo como intercultural, “[...] ou seja, um conjunto de práticas de significação sobre determinadas realidades presentes nos artefatos culturais [...]. A cultura torna-se pedagógica ao produzir representações legítimas de vida, processos de inclusão e exclusão de existências em meio aos seus incontáveis artefatos, estes ilustrativos da intensa imaginação humana” (Silva Junior; Maknamara, 2023, p.33).

Nessa direção, a Educação Sexual e a docência em Ciências/Biologia demandam um currículo sensível e aberto à interculturalidade que lhe é imanente, oportunizando a desconstrução de discursos (epistemológicos, biológicos, pedagógicos, religiosos...), ao ampliar possibilidades de novas conexões e perspectivas não binárias, o que perpassa pelo reconhecimento das múltiplas identidades/diferenças de sujeitos docentes, discentes e todos os envolvidos nos processos socioeducativos. Assim como a Educação Sexual, as narrativas (auto)biográficas constituem práticas discursivas (e não discursivas) marcadas por relações de poder-saber que priorizam questões éticas e subjetivas, pois (re)produzem modos de subjetivação docente (Souza; Santos, 2021). A partir da tríade foucaultiana poder-saber-sujeito, Foucault (1995) em suas diversas investigações narrou uma história acerca dos distintos modos de subjetivação e condições de possibilidades de nós seres

humanos nos tornarmos sujeitos de uma cultura, ressaltando assim o papel de discursos e complexas relações de poder-saber (re)produzidos histórica e socioculturalmente.

Larrosa (2011) argumenta que os modos de subjetivação abrangem experiências de si marcadas por discursos que fazem circular relações de poder, contudo o ‘ver-se’, ‘expressar-se’ e ‘julgar-se’ admitem resistências e/ou estratégias para problematizar normatizações e reconhecer a pluralidade de vidas. Além disso, Larrosa (2017) ressalta que as experiências humanas são mediadas pela cultura e por um conjunto de acontecimentos, formas e redes discursivas que delimitam as coisas, pessoas, ou seja, formam nós mesmos/as enquanto sujeitos assumindo diferentes posições e múltiplas identidades/diferenças, sobretudo nos processos de nos tornarmos docentes. Maknamara (2016, p.519) ao narrar seu processo de tornar-se docente de Biologia: “Aquele multiplicidade de posições de sujeito docente que me impactaram como estudante me habilitaram a me tornar um professor de biologia atento, sensível e responsável diante das demandas dos meus alunos.” Dentre as demandas educacionais contemporâneas, as temáticas da Educação Sexual se fazem cada dia mais urgentes nos currículos escolares e acadêmicos.

Nesse horizonte, podemos narrar histórias de vidas de educadores/as, pesquisadores/as, biólogos/as dispostos/as a (re)construir uma “docência como espaço de liberdade e de criação no qual é possível inventar outras formas de viver”. Para Carvalho Filho (2018), (re)criar a docência, e sobretudo as questões curriculares acerca da trinca corpos-gêneros-sexualidades, pressupõe invenções e artistagens, para tanto utiliza o cinema como um artefato cultural que permite (re)pensar saberes e práticas docentes. Ao assumirmos o currículo como artefato cultural, pressupomos a (re)invenção de saberes e práticas que incorporem, de modo contínuo e sistemático, as temáticas de sexualidade, corpo e gênero, favorecendo uma “arte de viver” em articulação com distintos campos de saber, além da Biologia. Assim, para incorporar uma “Educação Sexual além do biológico” nos currículos escolares e acadêmicos com efeitos socioculturalmente relevantes no ensino de Ciências/Biologia, precisamos questionar: “[...] Como criar uma artistagem docente? O ponto-limite que detona nossos devires docentes é o inexperimentado, o imperceptível, o impensável, o inominável, o indizível, o inimaginável, o intolerável.” (Corazza, 2012, p.105).

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esse estudo constitui o recorte de uma revisão sistemática da literatura mais abrangente realizada por Silva et al. (2024), que objetivou mapear as narrativas (auto)biográficas de professores/as do Nordeste. Aqui o material empírico foi constituído por 3 de um total de oito pesquisas relacionadas à Educação Sexual, envolvendo narrativas (auto)biográficas com foco no ensino de Ciências/Biologia. Cabe ressaltar que seguimos os procedimentos éticos e enviamos *e-mails* para os/as (co)autores/as com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/TCLE, solicitando autorização via *Google Forms*, obtendo a anuência de oito estudos que constituem nosso material empírico.

Para análise das narrativas (auto)biográficas, a partir de teorizações foucaultianas, realizamos um exercício de problematização que pressupõe a “[...] elaboração de um dado em questão, essa transformação de um conjunto de complicações e dificuldades em problemas para os quais as diversas soluções tentarão trazer uma resposta é o que constitui o ponto de problematização e o trabalho específico do pensamento (Foucault, 2017, p.226-227). Assim, esse movimento de (auto)crítica acerca da Educação Sexual visa problematizar discursos essencialistas e oposições binárias, ao questionar práticas (não) discursivas implicadas na produção de verdades, saberes e práticas a partir de narrativas que ecoam vozes docentes.

PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL EM NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS

A partir de um olhar pós-crítico nas narrativas (auto)biográficas de Carvalho Filho (2018), Santana (2021) e Rios (2019), questionamos a legitimação de determinados saberes (Foucault chamava de “saberes subjugados e/ou saberes da gente”) e a invisibilização de outros considerados “inferiores”, principalmente no processo de (des)construção de nossas práticas e identidades docentes. Nesse movimento, duvidamos do instituído padrão cisheteronormativo, estranhamos “o familiar” e nos familiarizamos com o estranho para problematizarmos discursos essencialistas e deterministas acerca de sexualidade, corpo e gênero que atravessam os campos da Educação Sexual, currículo e ensino de Ciências/Biologia.

As narrativas (auto)biográficas de Evanilson Carvalho Filho (2018) contaram com a participação de sete “Grandes Damas”, como chamou as cinco professoras e os dois professores de Ciências em formação inicial, bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Em um tom subversivo, escolheu priorizar a linguagem feminina em contraponto ao convencional que utiliza o masculino em detrimento do feminino. Ao partir da questão central de sua pesquisa “*afinal, minha vida daria um filme?*” (Carvalho Filho, 2018, p.96), o narrador-pesquisador destaca o principal questionamento que moveu seu estudo: “[...] *se você pudesse escolher um momento de sua vida para falar sobre a trinca corpos-gêneros-sexualidades, que talvez não seja vistoso ou que você não pensaria nele de primeira, qual seria?*”

Ao contar as histórias das Grande Damas nas suas vivências escolares e/ou acadêmicas, Carvalho Filho (2018) evidencia risos e “descobertas” que as aulas de Educação Sexual na disciplina de Ciências/Biologia provocam ao serem abordadas as temáticas sexualidade, corpo e gênero, e questiona o quanto discursos pautados em normatizações e essencialismos, que tentam invisibilizar e/ou zombar de “corpos dissidentes”, poderiam ser (re)produzidos nas práticas pedagógicas de tais docentes. Ao estranhar uma indagação de uma das participantes: “quando você fala “corpos”, o que você quer dizer?” Pois, o corpo humano costuma ser priorizado na Educação Sexual biológico-higienista, porém de forma fragmentada, então nos move a pensar que: “*Despalavrear é, portanto, denunciar: que a diferença entre corpos, gêneros e sexualidades não têm encontrado lugar nos currículos das licenciaturas; que As Grandes Damas não encontram em sua formação inicial o insumo suficiente para lidar com a trinca em sala-de-aula*” (Carvalho Filho, 2018, p.154).

Em seguida, a grande dama questiona: “[...] *como seria possível diferenciar “corpos” e “sexualidades”? A despalavra de Zezita só reforça o ideário incutido nas pedagogias exercidas pela já mencionada “educação sexual”: um corpo cujas arestas das sexualidades estão fortemente imbrincadas em sua morfologia no intuito de fabricar esse aparato iminentemente biológico*” (Carvalho Filho, 2018, p.156). Cabe problematizar e diferenciar essa trinca corpos-gêneros-sexualidades que constituem o campo transdisciplinar da Educação Sexual marcada pela dimensão biológico-higienista. Embora nossos corpos sejam sexualizados e generificados são dimensões que possuem convergências e divergências. Corpo, gênero e sexualidade são produzidos histórica e

socioculturalmente, logo não se resumem as composições morfológicas, fisiológicas e anatômicas. Contudo, para compreendermos que nossos corpos não se restringem a um conjunto de órgãos e sistemas, precisamos reconhecer suas especificidades que não são inerentes à sexualidade e ao gênero. De modo resumido, sexualidades abrangem nossas experiências e relações com outras pessoas; gêneros constituem múltiplas formas de expressar masculinidades e feminilidades.

Sobre a abordagem curricular das temáticas da Educação Sexual, Gurgel e Maknamara (2020, p.374) acrescentam que “[...] *no que diz respeito à trinca corpos-gêneros-sexualidades, é provável que existam muito mais não-ditos do que ditos nos currículos de formação de professores*”. Ademais, questiona: “[...] *como essa trinca pode não apenas formar professores, mas também deformar?*” (Gurgel; Maknamara, 2020, p.389). A dissertação de Lucas Santana (2021) nos provoca a (re)pensar o quanto uma narrativa autobiográfica (re)produz modos de subjetivação docente, ou seja, vidas com múltiplas identidades/diferenças marcadas por artefatos culturais que também ensinam sobre corpos, gêneros e sexualidades. Para além dos artefatos, essa história de vida é sobre um corpo jovem que sofreu as marcas subjetivas, culturais e socioeconômicas do abandono paterno e presenciou os limites de uma mãe solo sem uma rede de apoio...

Tais discursos vão além do biológico e abrigam as temáticas da Educação Sexual, pois ao falar sobre a história de sua vida no incessante processo formativo de tornar-se docente de Ciências/Biologia, o autor-narrador vivenciou sonhos, prazeres, desejos, (re)construiu identidades/diferenças, experienciou sexualidades, expressou uma masculinidade plural e um corpo de sujeito *gay* periférico, professor-pesquisador que ensina sem prescrições sobre/com/e para as vidas... “*É a vida que eu amo, não a sua falsificação em categorias. E, como professor, o que amo são as histórias, e gostaria de poder aprender amar a contá-las: as histórias de vida e as histórias da Vida*” (Santana, 2021, p.84). Afinal, que faz um/a biólogo/a se não estudar, narrar e experienciar as vidas em suas distintas nuances...

Ao narrar suas histórias de vida, Santana (2021) problematiza como seu corpo de um rapaz favelado que se tornou acadêmico passou por tentativas de disciplinarização no sentido dos corpos dóceis de Foucault. Sobretudo, ao estudar em um colégio militar, sendo policiado por normas e imposições, camuflando seus desejos ao frequentar a igreja desde a infância, como uma tentativa de fuga de um corpo precário quase capturado pelos

dogmas e castidade religiosa (cogitou até se tornar padre). “*Os discursos religiosos moldaram-lhe em uma moralidade diversa àquela dos bares. Vivia, desde cedo, entre o sagrado e o profano*” (Santana, 2021, p.94). Tal narrativa nos remete à obra “Pedagogia Profana” que problematiza formas tradicionais e conservadoras de ensinar, aprender e educar, reconhecendo a necessidade de desconstruir discursos pedagógicos pautados em mitos e/ou dogmas religiosos, visando recriar nossas práticas docentes.

A partir das experiências de professor de Ciências/Biologia, evidenciamos as múltiplas identidades/diferenças, principalmente, de gênero e sexualidade, que constituem o corpo desse jovem professor-pesquisador gay e favelado. A saber: “*O meu corpo infantil, como corpo, ao mesmo tempo, disciplinado e como o corpo de uma criança viada foi atravessado por discursos generificados, sofrendo efeitos de generificação através do discurso*” (Santana, 2021, p.53). Essa disciplinarização sobre corpos generificados e sexualizados constitui uma “[...] tecnologia política do corpo. Essa tecnologia é difusa, [...], raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si.” (Foucault, 2014, p. 30).

Em sua tese de doutorado, Pedro Paulo Rios (2019) (auto)narra experiências de professor gay a partir de resistências e estratégias de enfrentamento diante de preconceitos e discriminações manifestados, de forma sutil ou explícita, em espaços educativos, como a universidade e a escola. Posto que, identidades/diferenças não heteronormativas ainda são silenciadas e marginalizadas, sendo necessária uma incessante problematização e subversão das normas a partir de um currículo que valorize a estranheza como preconiza a teoria *queer*. Ou seja, estranhar o familiar provocaria novos olhares e o reconhecimento das diferenças como produzidas socioculturalmente... Por meio das narrativas (auto)biográficas de seis professores gays (*Obá, Ossayn, Oxóssi, Logun Edé, Oxumaré e Iansã*), de cursos de licenciatura em Matemática, Pedagogia e Biologia, Rios (2019) buscou investir em um exercício de problematização do estranho e subversão das normas sexuais e de gênero. “*Ou seja: pensar mecanismos pedagógicos onde gays, lésbicas, travestis, transexuais, dentre outrxs formas de expressão e vivência da sexualidade e do gênero, não sejam tomadas como estranhxs, mas vistas como possibilidades válidas de existência.*” (Rios, 2019, p.102).

Ao relatar as violências homofóbicas (xingamentos, piadas, ofensas, exclusões...) que sofria desde a infância e se intensificaram na adolescência, Rios (2019) problematiza a família e a escola como lugares discursivos que demarcam posições de sujeitos e relações sociais compatíveis com o padrão cisheteronormativo. A homofobia em suas versões sutis e/ou manifestas deixa marcas nas vidas de jovens gays, lésbicas e afins, ancorada em uma suposta linearidade entre sexo-gênero-sexualidade, considerando a heteressexualidade (e cisgeneridade) como norma compulsória (Louro, 1997). Além do ambiente familiar (re)produzir discursos de *“segregação binária de gênero”, “[...] que demarcava as atribuições sociais e simbólicas inerentes ao sexo masculino e feminino, anos mais tarde, ao ingressar na escola, conheci a concepção acerca de diferença que marca o corpo daquex que é tomadx como estranho”* (Rios, 2019, p.16).

As narrativas dos professores gays que participaram de sua pesquisa também reiteram a presença de uma ótica sexista, binária e heteronormativa que tenta enquadrar a *“criança afeminada”* e *“criança viada”* ao repetir a norma: *“Lembro que na escola e em casa estavam sempre pedindo para me comportar com um homem: ‘se comporte como um menino!’”* (Rios, 2019, p.55). Dessa maneira, *“ser uma criança viada pressupõe a produção constante de performances de gênero condizentes com o esperado social e culturalmente pela masculinidade hegemônica”* (Rios, 2019, p.55). Ademais: *“A criança estranha desestrutura o regime normativo re/produzido pela/na escola, revelando a flexibilidade de gênero e da sexualidade”* (Rios, 2019, p.95)

Connell (2016) aponta que os meninos/homens são (des)educados para manterem comportamentos que destoam de tudo que remeta ao feminino. O conceito de masculinidade hegemônica reside no fato da sociedade privilegiar a identidade masculina e colocá-la como superior e dominante, (re)produzindo discursos que naturalizam e privilegiam uma única forma de *“ser homem”*. Rosostolato (2019) ressalta que a masculinidade hegemônica constitui a dominação masculina alicerçada em posicionamentos patriarcais que colocam o homem em uma posição *“superior”* à mulher, concedendo-lhe *“privilégios”*. No entanto, a sustentação desse padrão cisheteronormativo prejudica a saúde física e psicológica dos homens, portanto alguns conseguem subverter as normas sociais mesmo com toda essa vigilância e disseminação de discursos que reiteram as oposições binárias entre homens/mulheres, heterossexuais/homossexuais.

CONCLUSÕES DE (IN)EXPERIÊNCIAS

O que nos contaram as “(in)experiências” de docentes de Ciências/Biologia sobre as temáticas da Educação Sexual? As narrativas (auto)biográficas potencializam a formação e prática docente, pois a partir de histórias de vidas, experiências e construção de identidades/diferenças, provocam diferentes modos de subjetivação docente ao veicularem uma diversidade de discursos (biológicos, pedagógicos, religiosos, essencialistas, binários, cisheteronormativos, subversivos, interculturais...) acerca das temáticas sexualidade, corpo e gênero. Compreendidas como “trinca de ases” ao serem associadas às pedagogias e aos artefatos culturais (literatura, filmes, séries, músicas, poemas) para a (des)construção de um currículo intercultural favorável ao reconhecimento de identidades/diferenças destoantes do padrão cisheteronormativo. A exemplo de corpos gays que ao se tornarem docentes lutam contra o estranhamento e as violências homofóbicas sutis e/ou manifestas como marcas de fuga e subversão à disciplinarização de saberes e de sujeitos nos espaços socioeducativos.

A partir desses estudos sobre narrativas (auto)biográficas, evidenciamos pistas que salientam a necessidade de problematização de discursos em artefatos culturais, em detrimento de um “modelo” de “Educação Sexual” a ser seguido pelos currículos escolares e acadêmicos, posto que existem múltiplas possibilidades de (re)pensar esse campo transdisciplinar. Embora seja desafiador contemplar todas as abordagens de sexualidade, corpo e gênero numa Educação Sexual, uma das estratégias para ultrapassar a abordagem biológico-higienista é justamente reconhecê-la como produto e produtora de culturas, verdades e relações de poder-saber. Nessa ótica, uma Educação Sexual “socialmente relevante” incorporada no currículo de Ciências/Biologia, de modo sistemático e permanente, instigaria a desconstrução de normatizações e essencialismos, sobretudo ao ressaltar o modo como os discursos se (re)inventam em nossos saberes e nossas práticas docentes, narrativas e (in)experiências de vidas... Vislumbrando, assim, novos modos de (re)pensar e acolher a diversidade de vidas e múltiplas formas de (des)construir (bio)docências...

REFERÊNCIAS

CARVALHO FILHO, Evanilson Gurgel de. **Minha vida daria um filme?: Geografias de vida em territórios de corpos, gêneros e sexualidades**. Dissertação (mestrado) - UFRN, Programa de Pós-graduação em Educação. Natal, RN, 2018.

CONNELL, R. W. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. **Revista Periferia**, v. 1, n. 1, jan./jun. 2012.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Org.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.

FOUCAULT, Michel. É importante pensar?. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 354-358.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Organização de Manoel Barros da Motta. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. (Coleção Ditos & Escritos V).

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; Goellner, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 30-42.

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio. Que podem corpos, gêneros e sexualidades nas pesquisas com formação de professores? **Educação e Cultura Contemporânea**. v. 17, n. 47, p. 372-395, 2020.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 35-86.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAKNAMARA, Marlécio. Tornando-me um professor de biologia: memória de vivências escolares. **Educação em Foco**, v. 21, n.2, p. 495-522, maio/ago. 2016.

RIOS, Pedro Paulo Souza. **Estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano**. 2019. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) - UFS, São Cristóvão, SE, 2019.

ROSOSTOLATO, Breno. Alextimia e masculinidades. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 30, n. 2, p. 55-64, 2019.

SANTANA, Lucas Costa de. **(Com)posições docentes em narrativas de formação de um professor de Ciências e Biologia**. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFBA, Salvador, 2021.

SILVA, Joaklebio A. da; VIRGÍLIO, Laryssa; NASCIMENTO, Rayssa O. do; MAKNAMARA, Marlécio. Narrativas (auto)biográficas de professores(as) do Nordeste brasileiro: uma revisão sistemática da literatura. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 16, n. 37, p. 1-20, e-2024005, jan./abr. 2024.

SILVA JUNIOR, Alcidesio O.; MAKNAMARA, Marlécio. #ChegaDeMentiras: Novas masculinidades no currículo da publicidade. **Textura - ULBRA**, v. 25, p. 29-50, 2023

SOUZA; Elaine de Jesus; SANTOS, Claudiene. Modos de subjetivação docente: a partir de uma Educação Sexual “além do biológico”. In: SOUZA, Elaine de Jesus; SANTOS, Claudiene; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz (Orgs.). **Interculturalidade e transdisciplinaridade: “o que a Biologia tem a ver com isso?”**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021. p.73-90.